

A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO PASSADO IMPERFECTIVO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Josilene de Jesus Mendonça¹
Raquel Meister Ko. Freitag²

RESUMO: No português, contamos com duas formas para a expressão do passado imperfeito: a forma de pretérito imperfeito do indicativo e a perífrase de gerúndio. Nesse sentido, visamos investigar fatores que influenciam a escolha das formas para expressar o imperfeito cursivo, a fim de mostrarmos a importância do planejamento e do conhecimento funcional da língua para a elaboração de propostas didáticas eficientes que integrem redação e gramática. Para concretização do nosso objetivo, utilizamos quarenta textos narrativos produzidos por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Nivalda Lima Figueiredo, localizada na cidade de Itabaiana/SE; e quarenta textos narrativos retirados do Banco de dados de escrita: textos narrativos e opinativos, vinculado ao Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). Os resultados mostram que o fenômeno da variação entre as formas de imperfeito e perífrase de gerúndio para expressar o passado imperfeito cursivo é estável.

PALAVRAS-CHAVE: Passado imperfeito cursivo; Variação; Ensino.

ABSTRACT: Portuguese has two ways to express imperfective past tense: pretérito imperfeito do indicativo and gerundial periphrasis forms. In this paper, we aim to investigate factors that influence the choice between these ways to express cursive imperfective past in order to show the importance of planning and working with language knowledge to the development of didactic proposals that integrate effectively writing and grammar strategies. We use 40 narrative texts produced by students of the 6th year of Elementary School “Nivalda Lima Figueiredo”, located in Itabaiana/SE and 40 narrative texts taken from writing: narrative and opinion texts database, of Studies in Language, Interaction and Society Group (GELINS). The results show that the variation between the forms of the imperfect and periphrasis of past gerund to express imperfective cursive is a stable phenomenon.

KEYWORDS: Imperfective cursive past tense; Variation; Teaching skills.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. mendoncajosilene@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: rkofreitag@uol.com.br

1. Introdução

A presente investigação foca o estudo da expressão do passado imperfeito: no português, contamos com duas formas para a expressão da função semântico-discursiva de passado em curso. A forma de pretérito imperfeito do indicativo (forma prototípica) e a perífrase de gerúndio, composta pelo verbo estar no imperfeito mais o verbo principal no gerúndio (forma emergente). Vejamos em (1) e (2):

(1) “A menina a quem eu enviei a mensagem **estava mostrando** a mensagem a todos da sala na quinta-feira.” (mnp49)³.

(2) “Todos os dias quando eu **chegava** do colégio eu e meu primo sempre ia andar de bicicleta.” (mnd56).

Observe-se que, em (1) e (2), as formas verbais “**estava mostrando**” e “**tirava**” estão codificando uma situação que se apresenta em andamento em relação ao momento de referência. Notemos que nesses exemplos, as formas de perífrase e pretérito imperfeito podem ser substituídas por **mostrava** e **estava tirando**, respectivamente, sem alteração da função semântico-discursiva de expressar o passado em curso, constituindo contextos de variação. Este fenômeno já foi estudado no português, na sua modalidade falada, por Freitag (2007; 2011) – que analisou a comunidade de fala de Florianópolis/SC, na região sul do Brasil – e replicado por Araujo (2010) na fala de Itabaiana, chegando aos mesmos resultados de condicionamentos semântico-discursivos para sua recorrência, o que sugere que o fenômeno apresenta estabilidade.

Nessa perspectiva, dando continuidade aos estudos realizados, propomos investigar os fatores que influenciam a escolha das formas para expressar o imperfeito na modalidade escrita da comunidade escolar de Itabaiana/SE. Além de contribuir para a descrição do fenômeno, acreditamos que a investigação vem a relevar a importância do planejamento e do conhecimento funcional da língua por parte do professor de Língua Portuguesa, de modo a contribuir para a elaboração de propostas didáticas eficientes que integrem redação e gramática.

³ A sigla diz respeito à identificação do informante. A primeira letra refere-se ao sexo – m para masculino e f para feminino. A segunda está codificando o tipo de texto – o para opinativo e n para narrativo. A última letra diz respeito ao nível de escolarização – p para primeiro ano do Ensino Médio, d para o segundo ano, t para o terceiro e s para o Ensino superior. O número é apenas uma questão de organização dos textos.

2. Funcionamento do fenômeno linguístico e suas relações com o ensino de língua portuguesa

O nosso trabalho é respaldado pelo viés teórico-metodológico do Sociofuncionalismo. Essa vertente é resultado da interface entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo norte-americano, conforme proposta de articulação teórica de Tavares (2003). No viés sociofuncional, a gramática é vista como emergente, sujeita a constantes mudanças decorrentes do uso dos falantes. O enfoque da abordagem está nas relações entre funções e formas, resultantes de pressões linguísticas e sociais, com destaque para a história e a coexistência de diferentes formas, situação de *estratificação/variação*. (FREITAG, 2007, p. 40).

Expansões da abordagem sociofuncionalista para o ensino de língua portuguesa, como propõem Furtado da Cunha e Tavares (2007), têm subsidiado propostas pedagógicas que foquem a articulação entre formas e funções em contextos de uso. Nessa linha, a descrição da expressão do passado imperfeito na escrita de Itabaiana/SE visa contribuir para o ensino de língua portuguesa, na medida em que os resultados da investigação podem auxiliar o professor no trabalho com categorias verbais a partir de suas funcionalidades no contexto de uso, distanciando-se de um modelo de ensino de verbo que se pauta, muitas vezes, apenas na análise morfológica das desinências, deixando de levar em consideração seus contextos de uso e suas funcionalidades dentro de uma interação verbal.

2.1 Tempo e aspecto

O significado semântico-discursivo que o verbo expressa vai muito além do domínio do tempo; estão envolvidos também os valores de aspecto e de modalidade. Tempo, aspecto e modalidade interagem entre si, formando um domínio funcional complexo, cujas fronteiras nem sempre são bem marcadas (cf. COAN et alii, 2006; FREITAG, 2011). Assim, em um estudo da língua em uso fica difícil observar uma categoria sem estar analisando também a outra. No fenômeno linguístico sob análise, a interação mais saliente é a entre tempo e aspecto (cf. FREITAG, 2007; ARAUJO, 2010; FREITAG 2011), sendo estas as categorias que são explanadas na sequência.

A noção de tempo verbal é inspirada na proposta do filósofo Hans Reichenbach (1947), para quem o estudo do tempo verbal necessita da observação de três momentos: o momento da fala (MF), o momento da realização da ação expressa pelo verbo (ME) e o momento da referência (MR). Nessa linha de raciocínio, os tempos verbais são determinados pelas relações que o momento da situação estabelece com o momento da referência e com o momento do ato de fala. Por exemplo, o passado imperfeito expressa um fato que é anterior ao momento da fala e simultâneo ao ponto de referência, apresentando-se em andamento em relação a este. O ponto de referência “é o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade” (CORÔA, 2005, p. 11). Quando não há referência contextualmente explícita, o ponto de referência será o momento de fala.

O valor de aspecto está relacionado com a noção de tempo interno, envolvendo a duração dos eventos, bem como a instância de andamento (inicial, medial, final), e a atribuição de pontos extremos do evento (perfectivo/fechado; imperfeito/aberto). Comrie (1976) propõe uma classificação pautada na oposição aspectual básica entre o perfectivo e o imperfeito, sendo este o aspecto em que a constituição temporal interna do evento é considerada pelo falante, enquanto no perfectivo, o tempo interno não é levado em consideração, apresentando o fato verbal como fechado.

Segundo Costa, a distinção entre o tempo e o aspecto se faz por meio de noções semânticas:

As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Podemos observar, portanto, que são noções que referem à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado (COSTA, 2002, p. 19).

Apesar de as categorias tempo e aspecto se inter-relacionarem, fazendo parte de um domínio funcional complexo, é necessário que no ensino de língua portuguesa, especificamente no conteúdo de verbos, se dê destaque para as nuances que as diferenciam, fomentando a reflexão linguística. Essas nuances, como afirma Costa (2002), são semânticas, merecendo a atenção especial dos

professores, já que as gramáticas normativas e também a maioria dos livros didáticos tendem a trabalhar com as categorias verbais enfocando os aspectos morfológicos/desinenciais.

Quanto aos valores semânticos, os materiais didáticos costumam focar o tempo verbal, em detrimento das categorias semânticas de aspecto e modalidade. Especificamente o aspecto, é tratado de forma indireta ou ignorado, como podemos observar na definição de verbo dada por Bechara: “Entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número.” (BECHARA, 2010, p. 192). Tal definição gera problemas de interpretação e compreensão do paradigma verbal, já que o aspecto e o tempo são categorias que se inter-relacionam, não sendo possível fazer uma abordagem de uma categoria sem levar em consideração a outra.

Além disso, o conhecimento sobre os valores aspectuais se faz necessário no momento de selecionar as formas verbais a serem empregadas na produção de um texto escrito, como uma narrativa. Isso porque a escolha aspectual pode produzir diferentes efeitos de sentido; por exemplo, a escolha de formas que expressam o imperfeito gera a noção de que o evento encontra-se em desenvolvimento em relação à outra situação que é seu ponto de referência; já o perfectivo apresenta a situação como um todo, focando no resultado. Assim, o conhecimento das nuances aspectuais contribui para que o aluno adquira competência comunicativa, isto é, consiga

Utilizar a linguagem oral com eficácia, começando a adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram o domínio de registros formais, o planejamento prévio do discurso, a coerência na defesa de pontos de vista e na apresentação de argumentos e o uso de procedimentos de negociação de acordos necessários ou possíveis; Produzir textos escritos, coesos e coerentes, dentro dos gêneros previstos para o ciclo, ajustados a objetivos e leitores determinados (BRASIL, 1997, p. 124-125).

Mas para que o ensino de língua portuguesa consiga atingir o objetivo de formar alunos competentes no uso e compreensão da língua, é necessário introduzir uma abordagem pedagógica em que a gramática seja um meio para se alcançar o entendimento, organização e estruturação dos textos, como propõem o Sociofuncionalismo. Ao contrário da cultura de se trabalhar os conteúdos gramaticais focando em nomenclaturas, a gramática “precisa auxiliar nas

finalidades comunicativas, ajudando o indivíduo a atuar linguisticamente de maneira adequada para seu entendimento.” (PAULA E COELHO, 2012, p. 8).

2.2 Passado imperfeito

Como vimos, o aspecto imperfeito caracteriza-se pela impossibilidade de se determinar os pontos inicial ou final da situação, já que há ênfase no seu desenvolvimento, apresentando um fato que se encontra em andamento em relação a um ponto de referência. Costa (2002) e Castilho (2004) subdividem o aspecto imperfeito em três subcategorias, conforme o destaque para alguma fase do tempo interno, para o resultado da duração ou para a cursividade. Segundo Costa (2002, p. 30).

O imperfeito expressa a temporalidade interna, ou considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão da cursividade), ou selecionando fases desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda, estados resultativos que deem relevância linguística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu.”

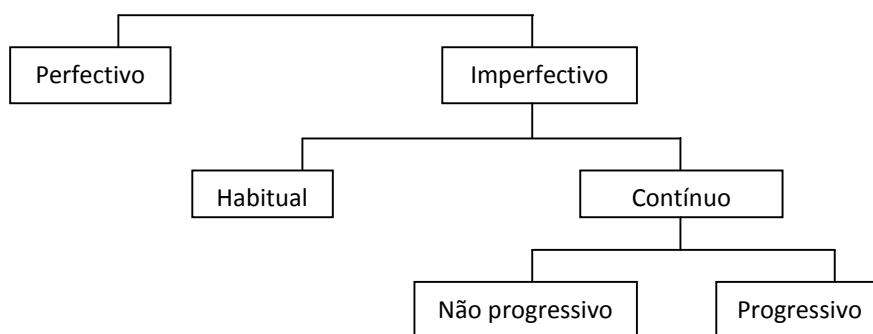
Já para Castilho (2004), o imperfeito se subdivide em inceptivo, quando se conhece o início da duração do processo; terminativo, em que se focaliza o fim da duração; e cursivo, quando se ignora o começo e o fim da duração, enfatizando-se no desenvolvimento da situação. Segundo o autor, há também uma subdivisão do aspecto imperfeito cursivo em cursivo propriamente dito e cursivo progressivo, sendo que neste ocorre um desenvolvimento gradual do processo.

Nosso foco é a expressão do passado imperfeito cursivo. Nesse aspecto verbal, “o falante se engaja na ação, não importando se ela é limitada ou não.” (CORÔA, 2005, p. 64), pois o foco é dado ao desenvolvimento da situação e não ao seu resultado. No português, contamos com duas formas para expressar tal função semântico-discursiva: o pretérito imperfeito e a perífrase de gerúndio composta pelo verbo estar no imperfeito mais o verbo principal no gerúndio, constituindo um contexto de variação linguística, conforme apontaram os estudos de Freitag (2007; 2011) e Araujo (2010).

A oposição aspectual proposta por Comrie (1976) prevê que o aspecto imperfeito pode se ramificar em subaspectos (Figura 1). Estudos como os de Freitag (2007; 2011), Araujo (2010) e Mendonça (2012) têm demonstrado a

recorrência das subfunções de iteratividade, continuidade, habitualidade e progressividade no português.

Figura 1: Classificação da oposição aspectual (COMRIE, 1976 apud FREITAG, 2007, p. 52).



O aspecto iterativo configura-se a partir da repetição de um fato verbal de maneira sistemática e regular. Para Castilho (2004), o iterativo pode codificar uma ação repetida e durativa, encontrando-se no âmbito do imperfeito, ou repetida pontual, âmbito do perfectivo. Já para Ilari (1997, p. 55), “toda reiteração está associada, estruturalmente, a uma duração que lhe serve de suporte.” Aqui nos interessa a repetição de fatos verbais durativos, apresentando-se como uma subfunção do passado cursivo.

(3) *Eu tinha um amigo chamado Mateus que se **irritava** muito com esse assunto de nunca ter beijado. (fnp44)*

Em (3), a forma verbal de pretérito imperfeito do indicativo **irritava** está exercendo a função semântico-cognitiva de passado em curso, e, ao mesmo tempo, apresenta também o valor aspectual de iteratividade, visto que Mateus repetia a ação de se irritar sempre que o assunto “nunca ter beijado” era retomado.

O aspecto contínuo representa situações em andamento em relação ao ponto de referência, podendo ser uma situação dinâmica ou estática; o aspecto contínuo expressa uma situação passada vista com continuidade, sem interrupções durante a sua duração. Vejamos o excerto (4), em que a ação de jogar bola encontra-se em andamento em relação a um ponto de referência, por isso estamos

diante de um passado em curso, além de se apresentar como uma única situação passada vista como em andamento em relação à especificação temporal.

(4) *Eu e minha prima **tava jogando** de bola. (mnp47)*

O valor habitual está relacionado a fatos verbais que são repetidos em diferentes ocasiões e de maneira inconsciente (CASTILHO, 2004). A habitualidade diz respeito a “uma situação que ocorreu mais de uma vez no passado, e que pode vir a continuar ocorrendo no momento presente e no futuro.” (FREITAG, 2007, p. 8). Para Castilho (2004), o valor habitual não se diferencia do valor de iteratividade. Diferentemente do autor, fazemos uma diferenciação entre esses dois valores, no sentido de que o valor iterativo diz respeito a uma repetição de um mesmo fato verbal nas mesmas circunstâncias, isto é, a repetição é consciente; já no valor habitual, a repetição da situação é feita de maneira aleatória, tendo ocorrido no passado mais de uma vez e podendo ocorrer mais vezes tanto no presente como no futuro. No entanto, entendemos que o iterativo, apesar de possuir noções semânticas diferentes do habitual, é uma ramificação deste.

O posicionamento de Costa (2002) sobre a habitualidade é, ao mesmo tempo, convergente e divergente da nossa visão, visto que a autora não considera o valor habitual como um aspecto e sim como uma noção semântica pertencente ao imperfectivo, corroborando com a nossa investigação, pois estamos analisando o valor habitual como uma subfunção do passado cursivo. Mas Costa diverge da nossa abordagem à medida que defende que um fato verbal pode se tornar habitual por iteração ou por continuidade (COSTA, 2002, p. 27), já que estamos analisando os valores de iteração, continuidade e habitualidade como independentes. Vejamos em (5) um exemplo, em que a ação de implicar ocorria inconscientemente em diferentes situações, constituindo-se em um hábito que possui duração no tempo:

(5) *Minha mãe **implicava** muito com ele porque ele morava em outra cidade. (fnt63)*

O aspecto progressivo diz respeito a situações que apresentam um desenvolvimento gradual do processo. Para Castilho (2004), o progressivo é uma subdivisão do imperfectivo cursivo, o que corrobora com nossa abordagem. A postura de Costa (2002) com relação ao progressivo é de que, assim como o habitual, configura uma noção semântica do imperfectivo.

(6) *“Só que nesse dia **estava indo** para o supermercado...” (fnp42)*

Em (6), o fato verbal apresenta o valor aspectual de progressividade. Isso porque a ação de ir ao supermercado encontra-se em desenvolvimento gradual.

As perífrases de gerúndio, compostas pelo verbo *estar* + gerúndio apresentam o valor de duração. Nas palavras de Costa (2002, p. 20), “o gerúndio expressa a cursividade, o decorrer, o escoamento do tempo.” Além disso, Ilari (1997) defende que as perífrases com o verbo *estar* caracterizam predicados durativos. No que diz respeito ao aspecto imperfeito, Costa afirma que “A referência em curso considera a constituição temporal interna do fato, sem lhe precisar nenhum momento em especial, e nela estão compreendidas noções semânticas como duração, continuidade, progressividade” (COSTA, 2002, p. 37).

A observação do ponto de referência também é relevante para o estudo do passado em curso, como demonstra os estudos de Freitag (2007; 2009) e Araujo (2010). Isso porque, segundo Freitag,

A necessidade de um ponto de referência anterior ao momento de fala e que estabeleça relação de sobreposição com a situação é uma das características definidoras do passado imperfeito no português, que, temporalmente, está associado à simultaneidade entre o intervalo da situação e ponto de referência (FREITAG, 2009, p. 2).

Além da subfunção aspectual e da referência, os traços aspectuais inerentes, ou acionalidade, dos verbos também influenciam na variação entre as formas de imperfeito e a perífrase de gerúndio na expressão do passado imperfeito, conforme descreve Freitag (2011). De acordo com a proposta de Bertinetto (2001), os verbos apresentam, inerentemente, traços binários de duratividade, dinamicidade e homogeneidade. O traço [+ durativo] diz respeito a eventos que precisam de certo tempo para ocorrer, por exemplo, *brincar*; já o [- durativo] está presente em eventos instantâneos, como *chegar*. Os verbos que apresentam o traço [+ dinâmico] relacionam-se a movimento, ao passo que [- dinâmico] são verbos de estado. A homogeneidade diz respeito à mudança de natureza da situação expressa pelo verbo durante o seu desenvolvimento: o traço [+homogêneo] não muda de natureza, como *pensar*; já o traço [-homogêneo] está presente em eventos que tendem a um ponto culminante, por exemplo, *conseguir*. Os estudos de Freitag (2011) e Araujo (2010) mostram que interação entre aspecto inerente e função aspectual leva aos valores aspectuais do imperfeito, como a

progressividade, habitualidade, cursividade e iteratividade. No entanto, as gramáticas e os livros didáticos não propiciam a reflexão sobre estes fatos.

O fenômeno da variação entre duas formas para expressar uma função, como o caso das formas de imperfeito e a perífrase de gerúndio expressando o passado imperfectivo cursivo, não costuma ser previsto nos compêndios gramaticais ou nos livros didáticos, embora os estudos descritivos já empreendidos ressaltem sua produtividade no sistema linguístico. Tal ausência gera dúvidas nos estudantes devido ao distanciamento entre a língua em uso e as gramáticas normativas; daí a importância do professor conhecer o funcionamento da língua, bem como do planejamento pedagógico para integrar redação e gramática com propostas eficientes. (COAN; FREITAG, p. 1).

2.3 Livro didático e ensino de verbos

O livro didático é, por excelência, o material que subsidia a ação docente no ensino. Vejamos o que diz sobre verbo o livro didático “Português Linguagens 2”, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, que é predominante na rede pública de ensino da região de Itabaiana/SE. O tratamento dado ao verbo por esta coleção de livro didático já foi objeto de análise de Santana (2010). A autora conclui que a abordagem dada à categoria verbo nesta coleção deixa a desejar em alguns aspectos, entre eles, o fato de abordá-la a partir das regras canônicas preconizadas pelas gramáticas normativas.

Observamos que os verbos são estudados a partir de uma perspectiva morfológica, dando muito espaço para as flexões do verbo. São estudadas as flexões em número, pessoa, modo, tempo e voz. As noções semânticas como, por exemplo, o aspecto verbal, não são levadas em consideração.

No estudo do pretérito imperfeito do indicativo, as subfunções semânticas que dão ideia de continuidade, habitualidade, iteratividade e progressividade não são exploradas. O livro faz referência à função habitual e à contínua, mas a interpretação dos exemplos dados apresentam problemas, se levarmos em consideração os conceitos de habitualidade e continuidade.

Vejamos os exemplos do livro: “Ele sempre me *visitava* aos domingos.” e “Nós *fechávamos* a porta quando as visitas chegaram.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 142). A análise feita diz respeito apenas à explicitação entre parênteses,

informando que a ação da primeira frase, exposta pela forma verbal **visitava** é contínua; enquanto a ação expressa pela forma verbal **fechávamos** é interpretada como uma ação interrompida. A ação de visitar expressa no primeiro exemplo, na verdade, refere-se a uma iteração, já que é uma ação que se repete sempre em uma ocasião específica: aos domingos. Esse caso não pode ser considerado como contínuo, pois uma situação contínua é aquela que possui duração e que não é interrompida durante o seu desenvolvimento. A interpretação de que a ação de fechar a porta foi interrompida, no segundo exemplo, pode gerar dúvidas no estudante, pois nada garante que a porta não foi fechada. O que temos nesse caso é uma ação contínua que é simultânea à chegada das visitas. Ambos os casos, portanto, trata-se da expressão do passado cursivo.

Figura 2: Exercício proposto pelo livro didático
(CEREJA E MAGALHÃES, 2010, p. 145).



Os exercícios propostos neste livro didático enfatizam os aspectos morfológicos, fazendo com que o aluno seja capaz de identificar a nomenclatura dada a cada desinência, como podemos observar na figura 2. Seria mais produtivo – alinhado às diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e o ao que é cobrado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – neste exercício trabalhar com as funções semânticas que as formas verbais assumem no contexto, chamar a atenção do estudante para o fato de que as formas verbais **era** e **tinha** expressam fatos verbais contínuos e simultâneos entre si. A situação de ser adolescente, no contexto, possui duração e se apresenta em andamento em relação à ação de ter “essas ideias”. A ação de ter ideias expressa pela forma verbal **tinha** também é contínua, isto é, apresenta-se em andamento em relação ao seu

ponto de referência, no caso “Quando eu era adolescente”, e não apresenta interrupção durante sua duração.

Figura 3: Questão 119 do Caderno de Provas rosa do ENEM 2012.

enem
2012

QUESTÃO 119

HAGAR DIK BROWNE



BROWNE, D. Folha de S. Paulo, 13 ago. 2011.

As palavras e as expressões são mediadoras dos sentidos produzidos nos textos. Na fala de Hagar, a expressão “é como se” ajuda a conduzir o conteúdo enunciado para o campo da

- A** conformidade, pois as condições meteorológicas evidenciam um acontecimento ruim.
- B** reflexibilidade, pois o personagem se refere aos tubarões usando um pronome reflexivo.
- C** condicionalidade, pois a atenção dos personagens é a condição necessária para a sua sobrevivência.
- D** possibilidade, pois a proximidade dos tubarões leva à suposição do perigo iminente para os homens.
- E** impessoalidade, pois o personagem usa a terceira pessoa para expressar o distanciamento dos fatos.

A figura 3 apresenta uma questão da Prova de Linguagens do ENEM 2012. Para resolver a questão, o conhecimento de nomenclatura morfológica, dos tempos verbais tais como apregoados nos livros didáticos, como o analisado, não é requisitado. Faz-se necessário identificar a função que a forma desempenha naquele contexto e seus valores semânticos-discursivos associados ao domínio da modalidade, o que não é contemplado pelos livros didáticos.

Nessa perspectiva, voltamos a defender a importância de o professor possuir consciência do funcionamento da língua para propor atividades eficientes para o ensino de língua portuguesa, já que a maioria dos livros didáticos ainda trabalha com uma perspectiva de nomenclatura morfológica/desinencial, muitas vezes, desvinculada da reflexão sobre o uso da língua.

3. A variação na expressão do passado imperfeito na escrita

O passado imperfeito cursivo é a função que expressa um evento que se encontra em desenvolvimento em relação ao seu ponto de referência. Existem duas formas verbais que podem expressar essa função semântico-discursiva no português: o pretérito imperfeito do indicativo e a perífrase de gerúndio, composta pelo verbo estar no imperfeito mais o verbo principal no gerúndio. Procedemos a uma investigação aos moldes da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), com a análise quantitativa da variação na expressão do passado imperfeito (forma simples, pretérito imperfeito vs. forma perifrástica, estar + gerúndio), considerando a função semântico-discursiva específica e os traços aspectuais inerentes ao verbo. Os dados levantados foram codificados e submetidos à análise estatística do software GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), que forneceu percentuais e pesos relativos de cada um dos fatores.

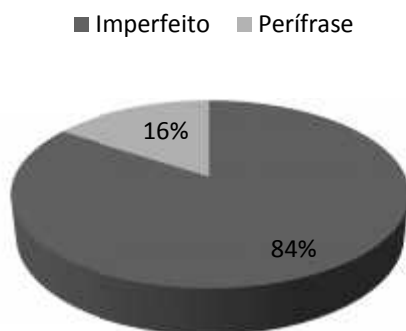
Nosso *corpus* de análise é constituído por oitenta textos narrativos. A metade deles foi coletada a partir de uma proposta de atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, sendo produzidos por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Os demais quarenta textos fazem parte do Banco de Dados de Escrita: textos narrativos e opinativos, em que os informantes são estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior. Os textos narrativos produzidos por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental foram resultados de uma proposta de atividade desenvolvida por bolsistas do PIBID durante um dos encontros com os estudantes, em sala de aula, em 2010. Levamos um cartaz no qual havia figuras em sequência que conduziam a um texto narrativo.

Os outros quarenta textos narrativos foram retirados do *corpus* do Banco de dados de escrita: textos narrativos e opinativos (ARAÚJO; PEIXOTO; FREITAG, 2012), vinculado ao Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). Os textos foram produzidos a partir de duas propostas distintas, uma destinada aos estudantes do Ensino Médio e outra aos alunos do Ensino Superior. Na proposta para o Ensino Médio foi apresentado um texto sobre o dia da mentira, e depois foi solicitado que o estudante escreva uma narrativa a partir da seguinte instrução: “E você, já mentiu para alguém? Que tal contar a maior mentira que você já inventou?” No mesmo sentido temos a instrução dada aos alunos do Ensino Superior, cuja proposta consiste em um texto sobre a escolha do curso de

graduação e dada a seguinte instrução: “E você? Conte como se deu a escolha do seu curso superior.” Este corpus subsidiou a realização de outros estudos de categorias verbais, como “O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual” (ARAUJO, 2011) e “A expressão da modalidade/evidencialidade em orações matrizes em textos opinativos/argumentativos e narrativos: uma análise funcionalista” (PEIXOTO, 2011), e agora este, que foca a variação na expressão do passado imperfeito. O estudo de diferentes fenômenos em um mesmo corpus é produtivo, pois nos permite maior poder explanatório sobre o assunto, podendo ser feitas comparações entre os estudos; além de subsidiar o professor de língua portuguesa, já que produzimos conhecimento sobre diferentes fenômenos em um mesmo recorte de língua em uso.

No gráfico 1 apresentamos a produtividade das formas verbais mencionadas para a codificação do passado cursivo. No *corpus* foram encontrados 318 dados na codificação do passado cursivo, sendo 268 expressos pela forma verbal de pretérito imperfeito e 50 pela perífrase de gerúndio, o que corresponde a 84% de produtividade da forma de imperfeito. Assim, observamos que o fenômeno da variação entre as formas mencionadas para codificar o passado cursivo é estável. Isso porque dados de fala, como os analisados nos estudos de Freitag (2007) e de Araujo (2010), mostram um percentual parecido quanto à produtividade das formas, o que nos sugere para a estabilidade do fenômeno na fala – objeto de estudo das autoras – e na escrita – nosso objeto de estudos.

Gráfico 1: Distribuição geral das formas de imperfeito e perífrase na expressão de passado cursivo.



O passado imperfeito considera o tempo interno como um fragmento de tempo que se encontra em desenvolvimento, apresentado um valor aspectual aberto, sem referência ao ponto inicial ou final do fato verbal. A função assume valores aspectuais específicos, iterativo, contínuo, habitual e progressivo. Vejamos na tabela 1 a relação entre as subfunções citadas e a produtividade da forma de imperfeito.

Tabela 1: Distribuição das subfunções aspectuais em função da forma de pretérito imperfeito

Subfunção	Aplicação/total	%	Peso relativo
Contínuo	228/253	90,1	0,49
Progressivo	1/17	5,9	0,05
Iterativo	25/34	73,5	0,83
Habitual	14/14	100	—

Os resultados apresentados na tabela 1 indicam que subfunção de iterativo é fortemente correlacionada com a forma de pretérito imperfeito, como podemos observar a partir de seu peso relativo que é de 0,83, enquanto a subfunção de progressivo é fortemente correlacionada à perífrase. É importante observarmos que o valor habitual é categoricamente codificado pela forma de pretérito imperfeito; esta subfunção não apresenta variação. O resultado de nossa investigação corrobora com os resultados dos estudos de Freitag (2007) e de Araujo (2010). Vejamos alguns exemplos retirados do *corpus*.

(7) “Era uma vez um porco muito traquino, ele **gostava** muito de ficar se esfregando na lama. (P40)”

(8) Lá vem minha avó com uma terrível pergunta pois eu ainda **estava conversando** com o menino. (fnp42)

(9) “De repente vimos um ônibus, parado na estrada e um monte de pessoas pedindo ajuda e advinha de quem era o ônibus? Era da cantora Ivete Sangalo, que **ia** para um show em São Paulo. (mnt70)

(10) “Ai teve um dia que um carro de som **estava passando** falando que ia haver um concurso para porcos ai o dono do porco ouviu e teve a ideia de colocar o porco para concorrer.” (P39)

(11) Toda opinião de meu pai eu **aceitava**... (fns74)

(12) A menina a quem eu enviei a mensagem **estava mostrando** a mensagem a todos da sala na quinta-feira. (mnp49)

(13) Só que na época eu **ajudava** a minha mãe em casa, mas também era eu quem **comprava** as minhas coisas pessoais. (fnp43)

Nos exemplos (7) e (8), as formas verbais **gostava** e **estava conversando** estão codificando uma situação contínua, ou seja, fatos verbais que se encontram em desenvolvimento, sem apresentar interrupção durante sua duração. Já nos exemplos (9) e (10), a subfunção expressa pelas formas **ia** e **estava passando** é a progressividade da ação verbal. Em outras palavras, a situação encontra-se em desenvolvimento gradual. As formas verbais **aceitava** e **estava mostrando**, presentes nos exemplos (11) e (12), estão expressando iteração, pois em (11), o fato verbal aceitar a opinião apresenta duração, além de se repetir sempre que a opinião do pai era dada. O mesmo valor está presente em (12), visto que a ação de mostrar a mensagem é passada cursiva, já que se apresenta em andamento em relação ao ponto de referência quinta-feira, sendo também iterativa, pois se repete à medida que a menina vai mostrando a mensagem a novas pessoas. O valor habitual está presente no exemplo (13), pois a ação de ajudar encontra-se em desenvolvimento em relação àquela época, isto é, seu ponto de referência, sendo uma ação habitual por se tratar de um fato que se repetiu mais de uma vez naquela época, podendo ocorrer em outros momentos de maneira não sistemática. O mesmo ocorre com a ação de comprar, visto que também está em andamento em relação ao ponto de referência, podendo se repetir em diferentes ocasiões.

Os resultados obtidos ratificam nossa posição de que se faz necessário desdobrar o conhecimento das subfunções aspectuais no ensino de verbos, pois permite fazer uma reflexão sobre o uso da língua e suas intenções comunicativas. Além disso, o estudo do verbo a partir de uma perspectiva semântico-funcional permite que o professor consiga integrar redação e gramática em suas abordagens.

Quanto ao aspecto inerente ao verbo, ou acionalidade – traços aspectuais de dinamicidade, duratividade e homogeneidade –, as ocorrências de passado imperfeito encontradas no corpus foram cotejadas quanto aos traços [+

dinâmico] ou [- dinâmico]; [+ durativo] ou [- durativo]; [+ homogêneo] ou [- homogêneo]. Vejamos a tabela abaixo em que são expostos os resultados em função da acionalidade.

Tabela 2: Influência da acionalidade em função do imperfeito

Traço aspectual	Aplicação/total	%	Peso relativo
+ dinâmico	47/89	52,8	0,05
- dinâmico	221/229	96,5	0,74
+ durativo	243/283	85,9	0,50
- durativo	25/35	71,4	0,49
+ homogêneo	240/280	85,7	0,47
- homogêneo	28/38	73,7	0,65

Os resultados mostram que a dinamicidade é o traço aspectual mais relevante para a seleção das formas de imperfeito ou de perífrase para codificar o passado imperfeito. Na tabela 2, podemos observar que o traço [- dinâmico] favorece o uso do pretérito imperfeito, com um percentual de 96,5% e peso relativo de 0,74. Já o traço [+ dinâmico] favorece a recorrência da perífrase, visto que apresenta um percentual de 52,8% e peso relativo de 0,05 em função do pretérito imperfeito. O traço duratividade não se mostra relevante para a produtividade da forma de pretérito imperfeito. Já o traço [- homogêneo] favorece o uso do pretérito imperfeito, com um percentual de 73,7% e peso relativo de 0,65. Novamente, nossos resultados corroboraram com os obtidos nos estudos anteriores, indiciando para a estabilidade do fenômeno na relação entre fala e escrita.

É necessário que o professor de língua portuguesa tenha consciência de que o traço de dinamicidade é muito importante para entender os contextos de uso possíveis para o passado cursivo. Assim, voltamos a reafirmar que o estudo do verbo a partir apenas de uma perspectiva morfológica não é suficiente. Isso porque apesar de podermos usar determinadas formas, isto é, juntar determinados morfemas em uma construção, isso não é suficiente para a construção de um sentido lógico. Nesse sentido, reafirmamos a necessidade de o professor de língua portuguesa possuir conhecimento a respeito do funcionamento da língua, bem como ter uma concepção de língua como um sistema dinâmico sujeito a mudanças

devido a pressões de uso. Isso porque a maioria dos livros didáticos e gramáticas normativas não dá conta da língua em uso, pois ficam presos a estruturas estáticas.

4. Considerações finais

A investigação aqui desenvolvida teve como objetivo estudar a variação entre as formas de pretérito imperfeito e perífrase de gerúndio na expressão do passado imperfeito na escrita, mostrando a importância do conhecimento funcional da língua para o ensino de língua portuguesa.

Mostramos que as noções semântico-discursivas são, muitas vezes, esquecidas no trabalho com o verbo nas gramáticas normativas e livros didáticos, que dão mais ênfase à estrutura morfológica e nomenclaturas dos tempos e modos verbais. As noções aspectuais, por exemplo, não são nem citadas, causando problemas na compreensão do paradigma verbal.

Após uma análise quantitativa de orientação variacionista, constatamos que o fenômeno da variação entre as formas de imperfeito e perífrase de gerúndio para expressar o passado cursivo é estável. A perífrase de gerúndio é uma forma emergente que é utilizada em contextos específicos, de acordo com fatores linguísticos: a subfunção semântica progressividade e os traços aspectuais [+ dinâmico] e [+ homogêneo] favorecem o uso da perífrase; já as subfunções iteratividade e contínuo favorecem o uso da forma de imperfeito, bem como os traços [- dinâmico] e [- homogêneo]. Como pudemos observar, em todas as variáveis controladas, na nossa amostra o fenômeno apresentou o mesmo comportamento que em outros estudos, como o de Freitag (2007) e de Araujo (2010). As semelhanças sugerem que a variação na expressão do passado em curso em português é estável tanto em termos diatópicos – apresenta o mesmo comportamento em diferentes regiões – quanto em termos diagenéricos – apresenta o mesmo comportamento na fala e na escrita.

Ratificamos a importância de o professor possuir conhecimento do funcionamento da língua para que sua abordagem em sala de aula seja eficiente, traçando estratégias pedagógicas que integrem redação e gramática. Assim, pretendemos contribuir para o ensino de língua materna, pois o estudo do funcionamento da variação entre as formas de imperfeito e de perífrase de gerúndio na expressão do passado cursivo contribui para a compreensão dos enunciados, aprimorando, dessa forma, as competências sociocomunicativas.

Referências Bibliográficas

- ARAUJO, A. S. & FREITAG, R. M. KO. **Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana/SE**: formas de pretérito imperfeito e perífrase na expressão do passado em curso. *scientia plena* vol. 6, num. 12. 2010.
- ARAUJO, A. S. **O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos**: um estudo da atuação do domínio aspectual. Itabaiana, 2011. 66 f. il. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2011.
- ARAUJO, A. S.; PEIXOTO, J. de C. & FREITAG, R. M. K. Banco de dados de escrita – textos narrativos e opinativos. **Anais da II Jornada GEMPS**. São Cristóvão, 2012. 12 p.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2 ed. ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.
- CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Tese de doutoramento (Universidade de São Paulo). Marília, 1968.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens: volume 2**. 7. ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. Ko. **Usos dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito em contextos de variação**: contribuições para o ensino de língua portuguesa. Artigos inéditos.
- CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.
- COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FREITAG, R. M. K. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- FREITAG, R. M. K. Atuação da marcação na gramaticalização das formas de passado imperfeito no português: o ponto de referência. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 38 (1): 155-166 jan.-abr. 2009. P. 155 – 166.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. A expressão de passado iminencial em português: formas e contextos de uso. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba. 2011.
- GIVÓN, T. **Compreendendo a gramática**. EDUFRN: editora da UFRN. Natal, 2011.
- ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto: EDUC. 1997.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MENDONÇA, J. de J. Estudo da variação na expressão do passado em curso: uma perspectiva sociofuncional. **Anais da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do**

Nordeste – Gelne. 2012. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/155-PASSADOEMCURSO.pdf>.

PAULA, T. F. de; COELHO, S. M. Uma lacuna no ensino do sistema verbal português: a ausência da categoria gramatical aspecto nas aulas de língua portuguesa. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013